

## ENTREVISTA COM AMILTON CORDEIRO

**Data:** 26 de dezembro de 2003

**Local:** Câmara de Vereadores de Mesquita

**Pesquisadora:** Maria Fatima de Souza Silva

**Tema:** Emancipação de Mesquita

(FATIMA) – Boa tarde, Amilton... é, eu gostaria que você falasse inicialmente da sua ligação com Mesquita. Se você nasceu aqui ou veio de algum outro lugar. Caso você tenha vindo de outra região, eu queria que você explicasse os motivos dessa mudança e a escolha por Mesquita. É... quando isso aconteceu e nos dois casos, mesmo se você nasceu aqui, como é que era Mesquita na época da sua infância, falar um pouco, né, da sua juventude. É, então inicialmente é isso, né?

(AMILTON) – Bom, eu nasci, nasci aqui em Mesquita né, é... meus avós eram daqui, vieram para cá mais ou menos na década de 40 por aí... A minha mãe, né, a minha mãe chegou a nascer aqui, meu pai não, o meu pai não nasceu aqui, veio para cá junto com o meu avô, né? A minha mãe acho que nasceu aqui, e eu nasci aqui também, eu nasci \*\*\*\*<sup>1</sup> aqui na maternidade São José, que existe até hoje, aqui na Avenida União. Morei, passei a minha infância toda ali na Avenida União 911, enfim, é..., quer dizer, moro em Mesquita, moro em Mesquita há 41 anos e minha infância foi toda aqui, quer dizer, minha infância mesmo de Baixada Fluminense, Mesquita. É... naquele tempo as ruas, com exceção da Avenida União, que é aonde eu morava, que era a rua principal né, que é a rua que liga praticamente Nilópolis até o centro de Mesquita, era a única rua que era calçada, de paralelepípedo. As ruas, as ruas transversais eram todas ruas de terra né, enfim, é só essa rua principal que era uma rua calçada que ia até a praça de Mesquita né, que é essa rua que termina na praça de Mesquita. E a infância, a gente, futebol, jogando bola na rua, nos campinhos. Estudei em Mesquita, sempre estudei, até fiz o meu primeiro grau todo em Mesquita, segundo grau fui estudar em Nova Iguaçu no Monteiro Lobato. E foi isso, vivi minha infância aqui jogando bola, soltando pipa com meus amigos, que muitos são amigos até hoje, tão morando por aqui ainda. De repente é isso.

---

<sup>1</sup> \*\*\*\* Não consegui identificar.

(FATIMA) – É Amilton, você é, participa ou participou de algum movimento social na cidade, é, atualmente e antes mesmo né, se você participa de alguma coisa? E qual, ou quais são esses movimentos ou quais foram esses movimentos?

(AMILTON) – É assim... eu nunca tive muito tempo pra participar de um movimento, porque assim, é, minha infância foi toda assim e eu sempre estudei muito, estudava no carro, tive aquela infância e adolescência bem comum como de todo adolescente, criança e adolescente daqui da região e assim, aí quando eu cheguei mais na época de participar das coisas assim, eu sempre deixei muito a estudar, então eu fui fazer faculdade, trabalhava durante o dia, estudava à noite. Então sempre priorizei muito essa coisa da faculdade, embora já fosse, já tivesse viajado na política, estivesse muito atento à política né. Mas assim, nunca tive tempo para participar muito de militância, é assim participava um pouco da questão da igreja porque meu irmão que era muito mais envolvido na Igreja e tal, então participava muito assim através do meu irmão. Mas eu mesmo assim nunca fui muito dentro assim participar dos movimentos não. Aí após, quer dizer, fiz a faculdade tal e aí com o movimento PT em Mesquita tal através da Igreja, eu também comecei a participar um pouco, mas sempre um pouco na periferia, nunca muito junto né. E depois assim que eu terminei a faculdade e tal, eu passei a me engajar mais nessa questão mais política, na questão social em Mesquita. Mas nunca assim muito, nunca foi muito dentro assim, era Associação de Moradores, do movimento mesmo não. Assim, sempre muito pelo partido né. Nunca tive muito tempo para participar assim.

(FATIMA) – Tá, então, olha só... Agora eu queria que você lembrasse um pouco e dissesse pra gente como é que você tomou conhecimento do movimento de Emancipação? A primeira vez que você escutou falar ou as vezes né, e eu queria que você falasse um pouquinho, é, sobre os marcos principais desse movimento que você lembra e as formas de sua participação? Se você participou efetivamente, se você foi um observador, como é que foi isso né na sua vida. Então é isso, como é que você tomou conhecimento e falar um pouco deste processo todo do seu ponto de vista.

(AMILTON) – Bom, é, o primeiro momento mesmo que eu tive assim, é, contato né, mas, com esse negócio de emancipação é, foi em 87, naquela primeira eleição né, acho que foi em 87, em 87 foi a primeira eleição de emancipação e tal, não estou lembrando direito. Mas antes disso, quer

*Emancipação*

dizer, não, não lembro bem a data, mas tinha um senhor lá que morava lá perto de casa na rua Dois que sempre foi engajado, ele participou do primeiro movimento de emancipação na década de 50 e tal. Mas eu era muito pequeno nessa época e muito adolescente ainda e não tava muito, mas em 87 teve o primeiro, foi a primeira eleição né, plebiscito da emancipação em 87, que aí eu já participei mais e tal, inclusive no dia eu fui chamado para trabalhar no dia da eleição lá como mesário do TRE<sup>2</sup> lá. Enfim foi nesse movimento. Mas assim, naquela época a gente ainda tinha muita dúvida em relação à emancipação, que tinha aquele, e o movimento da emancipação não foi um movimento assim de massa muito forte, era um movimento muito mais assim de lideranças né, não era uma coisa assim muito que tomou conta de Mesquita, das pessoas. As pessoas não se dedicavam muito com isso.

**(FATIMA)** – Você pode falar um pouquinho mais sobre essas dúvidas que você está falando agora?

**(AMILTON)** – As dúvidas...É porque, inclusive foi uma dúvida que, que estava permanecendo até o último momento da emancipação de Mesquita. Muita gente questionava isso em Mesquita, é teria condições de se tornar um município viável já que era um município que não tinha um comércio forte, não tinha uma indústria, enfim, é um município meio espremido entre Nilópolis e Nova Iguaçu. Então, quer dizer, algumas pessoas mais, mais assim esclarecidas, as pessoas que pensavam um pouco mais tinham essas dúvidas em relação à emancipação né, mas assim neste primeiro processo de 87 foi ainda um pouco muito incipiente esse negócio, não tinha ainda um movimento muito forte. Foi uma coisa muito...Tanto que eu acho que não deu nem quorum né? Neste primeiro processo, num, as pessoas não se sentiram muito válidas a votar no plebiscito, né? Um pouco isso. Não sei. Na verdade tinha um pouco de dúvida ainda nesta primeira eleição. É isso.

**(FATIMA)** – E depois que o movimento continuou? Ou ficou parado? Ficou muito tempo até retornar? Como é que foi isso?

<sup>2</sup> Tribunal Regional Eleitoral.

(AMILTON) – É, esse movimento depois voltou né? Com a emancipação, depois teve o outro processo de emancipação logo depois, mas assim eu acho que ficou durante esse tempo de um plebiscito pro outro não teve também um movimento forte, entendeu? Assim, a população de Mesquita mesmo, a massa da população de Mesquita nunca se sentiu assim, muito engajada nesse processo né? Eu acho que foi uma coisa assim mais de lideranças políticas que tentavam fazer com que a população se motivasse para este processo de emancipação né? É, depois no segundo plebiscito, houve um movimento maior de massas, teve uma coisa assim que empolgou mais a população e aí eu, a gente ficou mais engajado nesse processo. Mas assim, também não ficamos dentro lá para dá, no Comitê de Emancipação, não foi muito assim não.

(FATIMA) – E porque que vocês não ficaram? Vocês não entraram dentro desse movimento?

(AMILTON) – A gente não entrou nesse movimento não, até porque é, como nessa época a gente já tava no PT, participava mais do PT mesmo é, nós não participamos do, daquele movimento de dentro lá junto com as lideranças de Mesquita porque era uma coisa muito do prefeito né, do tal prefeito, do Paixão. E a gente ficou meio de fora, embora apoiasse, tivesse, fazia discussões nos bares e tal, discussões em alguns locais é, favoráveis até à emancipação. Mas assim a gente nunca teve engajado dentro mesmo do processo do comitê, dessas coisas todas, participar por dentro não. Foi mais por fora, participando, discutindo, até questionando algumas coisas, embora fosse favorável mas a gente nunca entrou dentro do pessoal que estava mais à frente.

(FATIMA) – É, olha só... Você é, Mesquita era ligado à Nova Iguaçu. Você poderia falar um pouco da sua impressão de como é que Nova Iguaçu se conduziu nesse processo de emancipação de Mesquita? Você se lembra de alguma coisa desta época?

(AMILTON) – Bom...Acho que em 87, eu acho que houve um movimento claro de Nova Iguaçu contra a emancipação de Mesquita né? Eu lembro disso que até rolou um boato no dia, não sei se foi boato, não sei se foi... que o prefeito de Nova Iguaçu na época convocou a população de Mesquita para um churrasco não sei aonde, levou ônibus para lá e ficou um pouco do folclore, eu acho de Mesquita assim, de até culpar um pouco porque que não saiu a

Comitê Pro-  
Emamei-

paes

95

==

emancipação de Mesquita naquela época né? Mas assim, eu acho que claramente houve um movimento de algumas lideranças políticas ligadas tanto à Nova Iguaçu como de Mesquita, ligados mais ao município de Nova Iguaçu, que foram assim, abertamente contra a emancipação naquele momento de Mesquita né? Depois desse segundo plebiscito, que foi o plebiscito também que não deu quorum, mas e que depois por conta de recursos e tal, teve recontagem e tal, tiraram os...conseguiram provar que alguns eleitores não votavam mais, eram falecidos, tal, eles conseguiram é, conseguiram a emancipação de Mesquita na justiça né? Houve sempre um movimento contra, mas no segundo, no segundo plebiscito eu acho que já não teve tanta, é, esse movimento não conseguiu é, uma oposição tão forte à emancipação, quer dizer, Nova Iguaçu não conseguiu obter tanto resultado como no primeiro né? Até porque eu acho que nesse segundo plebiscito, já a população, já estava mais convencida mesmo da necessidade da emancipação né? Até por conta mesmo do abandono das políticas, de achar mesmo que Nova Iguaçu não cuidava bem de Mesquita, Mesquita tava um pouco abandonada, então eu acho que a população é, teve um sentimento mais da necessidade da emancipação né? Então teve mais isso no segundo processo, embora é, eu acho que essa coisa é importante, quer dizer, no plebiscito mesmo não deu quorum né, o quorum foi conseguido através de uma recontagem e tal. E isso dá um pouco a noção de que houve uma parcela grande da população de Mesquita que não votou no plebiscito né, que não votou. O plebiscito tinha que ter 50% mais um e isso só foi conseguido através de recursos, de contagem dos votos, de quanto tiraram os eleitores que não votavam mais, que eram falecidos e tal, que conseguiram, mas foi uma parcela grande né, no mínimo aí uns 40% da população que não votou né, ou mais. E também tem sempre aquela polêmica de Nova Iguaçu de saber que votava, quem não votava, a questão das fronteiras né, quem é Nova Iguaçu, quem é Mesquita que até hoje fica um pouco... Então tinha gente dessa região um pouco fronteiriça, que na verdade, acho que até hoje não se sente muito parte de Mesquita, acho que se sente muito mais parte de Nova Iguaçu ou de Nilópolis né, do que de Mesquita mesmo. Também tem isso...

**(FATIMA)** – Deixa eu aproveitar que você tocou nisso é, eu queria fazer uma pergunta pra você. Você acha que em Mesquita, queria que você falasse um pouco disso, sobre esse sentimento de identificação com Mesquita e pela emancipação, você acha que existem lugares em Mesquita que tem mais isso do que, porque você acabou de falar muita gente não participou né, você acha que tem alguma coisa a ver, essa coisa de determinados lugares de Mesquita com a busca pela

emancipação, um sentimento maior de emancipação? Você acha isso? Você podia falar um pouquinho?

**(AMILTON)**- Eu acho que sim. Por exemplo, esse lado de cá de Mesquita que eu moro né, que é o lado mais antigo né, que o pessoal chama que é o lado mais antigo de Mesquita, sempre teve esse sentimento mais... o movimento de emancipação começou do lado de cá né? Então, esse sentimento de emancipação, essa coisa, essa vontade de emancipar Mesquita, sempre foi muito forte do lado de cá. Até as próprias lideranças deste movimento, desde a década de 50, sempre foram do lado de cá, desse lado mais antigo de Mesquita. E eu acho que o lado de lá de Mesquita, o outro lado da linha de trem é um lado que não tem muito a ver, até desta identidade com Mesquita mesmo né, porque até minha avó, minha tia... Minha avó me contava, minha tia conta até hoje, que esse outro lado de Mesquita foi urbanizado muito depois, foi loteado muito depois. É um pessoal que veio para Mesquita né, é um pessoal que não nasceu em Mesquita, é um pessoal que veio para Mesquita muito depois, então não tem muito essa coisa da história da emancipação, esse sentimento né, não tem nem muita ligação com Mesquita né. Isso a gente vê até andando do lado de cá e andando do lado de lá, as casas do lado de lá são casas muito mais recentes né, um pessoal mesmo que chegou depois em Mesquita. Então, eu acho que esse pessoal não, não encampou muito essa idéia de emancipação não, porque eu acho que já tinha um outro sentimento, tem outra identidade...

**(FATIMA)** – Pois é, você falou que não tinha muita ligação com Mesquita. Você podia falar um pouco dessas marcas? O que que você acha que você falou da sua avó, da sua mãe? Que que você acha, que marcas são essas que fazem a ligação com Mesquita?

**(AMILTON)** – Acho que é a marca mesmo de você vim né, vim pra cá, morar num lugar, construir família aqui, quer dizer, você ter ligações de amizade, amigos que você constrói no local, o próprio bairro, a própria cidade, o próprio lugar onde você mora que você é, a questão mesmo da história, da cultura né que você cria ali, dos filhos que nascem ali, você vai criando uma ligação com o lugar, com o local né? Até no caso de Mesquita e da minha família que trabalharam aqui né, na fábrica que tinha aqui, então, quer dizer, cria esse vínculo mais de raiz com a cidade né, a família toda é daqui, então vai criando laços mesmo né, coisas que de repente

que podem não acontecer com outras pessoas né , que vem pra cá apenas por uma questão de oportunidade, de morar aqui, mas que construíram vínculos em outros lugares, tem família em outros lugares né? Então é um pouco isso também que eu acho né, você viver a cidade, viver o lugar aonde você mora, né?...

**(FATIMA)** – Você disse que a tua família, várias pessoas da sua família trabalharam numa fábrica né, que existiu aqui. Você podia contar um pouco dessa história, desse lugar que, de trabalho que várias pessoas , várias gerações trabalharam, como você disse?

**(AMILTON)** – É a fábrica Brasferro né? Que lá em casa a gente chamou de Laminação. O nome da fábrica era Brasferro, mas todo mundo conhecia como Laminação. A Laminação, que é uma metalúrgica né, uma metalúrgica grande e tal, que trabalhava com ferro. A minha tia, eu tenho uma tia que trabalhou durante 32 anos nessa fábrica. É...Na verdade, tive duas tias que trabalharam lá, uma trabalhou 32 anos e a outra trabalhou pouco tempo e depois saiu, eu tive uma prima que trabalhou até a fábrica fechar, é, o meu irmão trabalhou lá, o meu pai trabalhou lá; enfim, tenho um cunhado que trabalhou lá também e até hoje está enrolado e até hoje não recebeu o fundo de garantia dele. A fábrica faliu e ele tá enrolado até hoje, tá na justiça até hoje. Quer dizer, então, várias pessoas da minha família trabalharam nessa fábrica... Muitos amigos, amigos mesmo trabalharam lá. Foi um negócio assim, bem... Acho que Mesquita deve muito à Brasferro, quer dizer, Mesquita cresceu muito assim em torno dessa fábrica né, a Brasferro, que veio pra cá na década de 40 e final da década de 40 e foi até metade de 80 por aí assim quando ela fechou né? É um pouco isso...

**(FATIMA)** – É hoje nós temos a prefeitura reconstruída naquele lugar né e , o que que você acha disso? Por que teve alguns movimentos pequenos né, do pessoal também da elite política que achavam que ali não deveria ser construída a prefeitura, que deveria ser construída em outro lugar, é, que deveria ser construído uma coisa mais...um prédio mais comercial e produtivo, e alguns falavam que tinha que manter o prédio, mas assim, muito das pessoas , do movimento mais organizado e da elite política, do setor né? E o que que você acha disso?

**(AMILTON)** – Eu acho assim, eu pessoalmente eu acho que o prédio tinha que ser preservado né, poderia até ser construído a prefeitura, mas porque dava pra manter a estrutura do prédio e tal, quer dizer, a coisa da história né do local, mas o prefeito enfim botou tudo abaixo, derrubou tudo, construiu um prédio novo. Acho que foi um, assim pessoalmente pra mim não foi legal, acho...poderia ter mantido o prédio, mas assim acho que também as pessoas pouco ligaram pra isso também, tanto que o prédio foi derrubado, ninguém nem... não houve nenhum movimento de força, no sentido pra manter... nenhum movimento forte pra manter o prédio. Até por conta mesmo desse crescimento de Mesquita né, acho que pouca gente, as pessoas que vieram depois não conheceram muito a história daquele prédio né, pra minha família pode ter sido até importante, mas pra outros não, porque eles não tão nem aí, não sabiam nem até porque o prédio já estava fechado mesmo há um tempão, quase 15 anos, 20 anos. Então as pessoas não estavam muito ligando pra isso não, achavam até que tinha que ser derrubado mesmo e construir uma coisa nova.

**(FATIMA)** - Amilton, eu queria que você falasse um pouco sobre, quer dizer, a emancipação ocorreu em 1999 né, nós temos, vai fazer 5 anos né, acabaram de fazer 4 anos de emancipado o município e eu queria que você falasse um pouco das suas expectativas em relação à emancipação. Desse novo município né, que só tem 4 anos e daqui por diante né?

**(AMILTON)** – Minha expectativa assim, minha expectativa com a emancipação era da gente poder construir um município até que fosse modelo pra região, até porque Mesquita é pequeno, tinha muita coisa ainda para ser feita e tal, mas assim, eu também tenho noção também da questão política né, então com o resultado também da eleição que a gente viu as pessoas que iam comandar o município, então eu também já passei a..., eu tive a certeza também, a noção que não ia mudar muita coisa. Até por conta das pessoas que assumiram a prefeitura, assumiram o governo né? Então eu achei que ia ser uma coisa mesmo, não ia mudar muita coisa, ia ser aquela coisa tradicional de que... enfim, conservadora. Achei mesmo depois do resultado da eleição, achei que não ia mudar muita coisa não, e acho até que a gente tá vendo aí hoje tá eu tinha uma certa razão, não mudou muito não. Mas quem sabe pra frente com outros governos... O município tendo outras eleições, entrando novos governantes, novas administrações pode ser até que o município melhore, mude né, mude a cara um pouco de Mesquita... Mas assim, acho que não



mudou muito não, não mudou ... A gente vê , anda por Mesquita aí, não houve grandes mudanças da emancipação não.

**(FATIMA)** – É, eu queria que você, se você lembrasse... Se você tem algum nome que você acha importante pra gente poder conversar né, entrevistar também né, que tenha liderado, você acha que continua né, permanece como importante, como uma referência né, nessa discussão da emancipação?

**(AMILTON)** – O único nome assim, até porque eu lembro disso, que foi a primeira vez que eu ouvi falar em emancipação de Mesquita... Eu era pequeno, adolescente ainda... Era o seu Hélio Amaral que já faleceu, já é falecido. A família dele acho que ainda mora aí ainda, ali do lado da rua da Serra, a rua Dois, a família dele... Ele foi um dos primeiros a ir se engajando nesse processo de emancipação na década de 50 ainda né, mas ele já faleceu, a família dele ta aí ainda hoje. Seria a única pessoa assim que eu lembro mais, porque o resto é o prefeito, e as pessoas que estão aí também, porque eu acho que aí já foi mais uma coisa mesmo de interesse político né, do atual prefeito e tal. Mas assim, uma pessoa que eu acho que foi importante nesse processo foi o Seu Hélio Amaral que já é falecido já, e as filhas dele estão aí, netos e tal. A única pessoa que eu lembro assim hoje né?

**(FATIMA)** – Amilton, você tem algum material sobre a emancipação, qualquer coisa, jornal é, foto de Mesquita ou algum documento que você tenha guardado sobre esse processo que poderia ou conhece alguém que tenha né, pra gente conseguir?

**(AMILTON)** – Olha...eu, assim, eu não devo ter não porque essas coisas assim eu não guardei, guardo muito não, agora não sei, tem... analisando...agora lembrando assim não sei... Uma pessoa uma vez que disse que tem, que falou pra mim que tinha um material guardado desse negócio de Mesquita, guarda muita coisa de Mesquita, é o Hugo, né, o Hugo Freitas, que falou que tem em casa umas coisas guardadas...

**(FATIMA)** – Tá bom, Amilton... e você gostaria de falar mais alguma coisa? A gente está terminando...

**(AMILTON)** – Não assim, é, esse negócio da emancipação de Mesquita... Eu acho que foi, que dizer, eu sempre tive esse sentimento que pelo menos da minha época que eu vivi, foi uma coisa mais de interesse de algumas lideranças políticas de Mesquita né, e que no último processo que acabou desencadeando mesmo a emancipação, foi uma coisa muito mais de interesse do próprio prefeito, que é prefeito hoje em dia. E que até a população fala por aí... algumas pessoas falam que foi quem correu atrás, foi em Brasília, foi aos tribunais lá trabalhar pelo recurso pela emancipação de Mesquita. Quer dizer, foi uma coisa assim muito de interesse mesmo de algumas lideranças políticas. Eu sempre achei o povo assim um pouco meio assim...um pouco meio reticente mesmo, meio com dúvidas sobre a emancipação, embora eu torno a dizer, no último processo tenha havido um movimento assim maior de emancipação, mas sempre liderado por essas pessoas que tinham interesses políticos completos na emancipação.

**(FATIMA)** – Tá bom, então Amilton. Obrigada e até a próxima.

**Conferência final realizada em 02/02/2004**

**CEPIM**  
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E IMAGEM  
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ